

Magistralmente reflectida no espelho da água, vestida de barro, caída, é a montanha, um alto promontório que quase cobre o mar. O seu nome avança e tapa o último náufrago, as suas encostas escutam a decisão inesperada que Tonho se prepara para tomar. Uma viuvez carregada de mitos e de olhares dramáticos. Deitado no poente como de costume, ele trava o combate da eternidade.

Minúsculo, entornado sobre a nafta como um peixe morto, o seu corpo aquece, recebe as teias assassinas do mar. Cauteloso e abrasador como se devorasse os primeiros passos do sobrevivente, Tonho respira, compreende o movimento das ondas. O seu corpo filtra o passado trágico dos heróis, fala com o mar, partilha com ele as memórias. Aposta numa vitória autêntica sobre os crustáceos, roedores dos olhos e dos dedos de seus avós, lobos-do-mar, companheiros de tempestades e naufrágios, atravessadores de barras e baías, fantasmas.

Tonho vira-se para o rochedo, a montanha destinada ao seu último feitiço salvador. Despe-se, o tronco bate pujantemente contra a pedra esfarelada. A vingança inicia-se assim, dentro do desespero. As mãos arranham a terra, procuram a alma do seu povo, sangram. O sol foge, silencioso, destrói-se ao fundo enquanto ele se faz homem e chora.

Enrolado, ferindo-se no peito da colina mãe, sabe que o mar o vê, lhe investiga as pernas, os ombros, a boca. De costas para a água, Tonho rejeita a continuação da espécie. Pescador como o pai, o avô, João, Manuel, Joaquim, Zé, Pedro, gerações de mortos engolidos pelos vultos do mar, desaparecidos. Gerações de aflitos para quem as promessas são apenas frases sobre a arte de remar.

Tonho enfrenta este futuro certo, de gabão negro e lágrimas, ensarilhado numa garrafa de vinho, num Inverno de fome, à espera de que esse cabrão de mar acalme as suas fúrias e fale de homem para homem. As redes estão ali, suspensas em varolas enterradas e pontiagudas, dançam. Tonho bebe outra vez, o brilho dos seus olhos é altivo. Desafia o monstro,

— Não vou. Queres é a minha morte, como fizeste com os outros. Queres chupar-me o sangue e comer-me os ossos. Mar cão, a mim não me terás tu, nem que tenha de comer as enxamas e engodo.

Tonho deixou vir a noite, a sua nudez marcou a pele do rochedo, como um Deus. O seu sexo queimou o barro inclinado da montanha. Ela recebeu-o respondendo ao rugido do oceano, zangado com a audácia do último náufrago. Duas vezes insolente, desertor e amante. Ele não fora ao mar, o barco esperara e partira sem moço. O arrais vociferava e maldizia a mulher que parira esse Tonho de má fortuna, raça de pé calçado, calões, menino fino, estudante. O bote esgueirando-se na noite como um brinquedo ou uma alma de outro mundo para não mais voltar. Tonho atirou-se contra os candis parados na praia, entre gritos de viúvas e pragas. A sua cabeça espalmou-se no bico dum panal. O *Seja o Que Deus Quiser* naufragara nessa madrugada. Nenhum homem dera ainda à costa. Ele bem avisara a companha. O sol levava o Olho de Boi e um Sudoeste maldito tinha-os apanhado à traição.

— Mar dum raio.

Tonho tapou o rosto na areia. As mulheres prometiam cabazes de sardinha e litros de azeite à Senhora. Dois corpos tinham sido trazidos pela corrente. Viúvas e órfãos rasgavam a carne, puxavam os cabelos, trincavam-se. Tonho revolvía-se, cuspiam para o rochedo, lançava pragas para o mar. Ficaram em terra, medricas. Foi feitiço. Calhou logo ser na Cana do Noroeste, lá tinham ficado avô e pai, tio e primo, agora estes. É bruxedo.

— Que queres mais.

Tonho resiste, mandou a bruxa pôr mirra à porta e fazer benzeduras virada para o Bico da Memória. Pagou-lhe em carapau. Iniciou então a desobediência.



Era como se a montanha tivesse vestido uma saia de chita, escolhida para o corpo de Tonho, para o seu repasto diário. As rochas lambiam a cintura do moço, amontoavam-se nervosamente na direcção dele. De novo nu, encontrava na altitude do rochedo o alívio que lhe daria a vingança. Era a colina mãe, guardiã deste sal que se julga eterno e senhor do mundo, traficante de cadáveres. Tonho espera o momento do golpe. Aquele que será o minuto em que enterrará o braço até às entranhas da montanha e trará os seus mortos para que descansem em paz.

— É tempo de ganhar à natureza, calcinar o destino deste povo, vencer Deus, enterrar os milagres. É tempo de ser eu, Tonho, a mandar no oceano, para que não mais morram os que dele querem saborear os polvos. Esta montanha que está aqui à beira deste mar que lhe entra pelas coxas adentro é minha amante e eu a possuo hoje e sempre. Porque tu és o mar e eu sou o homem e sou eu que te vou dar filhos que não morrem. Sabes porquê, porque eu sou o último náufrago.

Tonho sai da taberna, vai para a praia, cose a rede com a perícia das grandes mãos. Pensa no amor, sorri, sabe que, quando o sol se despedaça ao fim da tarde, corre pela areia, despido, touro,

espetando-se na montanha como se fosse uma viga. A noite fascina-o, as pequenas luzes do candeio são uma memória longínqua de inúmeros peixes, cíclicos cabazes a transbordar de sardinha que as mulheres carregam arrastando filhos e tudo. A abundância canta-se como a arte de poder comer. O choro cala-se, não há fome por uns instantes. A vergonha desaparece dos rostos contornados de rugas e de espectro. Não se bate às portas, não se mendiga aos pés calçados, não se ajoelha.

Tonho tem essa memória. O pai saía à noite enfiado no gabão do luto, escondendo a dor e os olhos, aceitando pão duro e azeitonas. Só o vinho o aguentava. Os seus passos petrificavam-se, desafiava as sombras. O corpo dele pairava pelas ruas. Quando entrava em casa, o seu fantasma atirava para cima da esteira bocados de broa escura e tiras de peixe frito. Azedo e triste, mirava o pai sentindo nele um Deus grandioso, maior do que a figura de gesso da igreja, comido dos ratos e bronzeado. Tonho fugia para a mãe, agarrava-se ao escocês grosso, tentava apoderar-se do colchete e enfiar-se na abertura da saia onde estava a bolsa vazia de dinheiro e os ganchos, mealheiro de onde talvez saltasse o tostão no Senhor dos Passos para pinhões ou tremoços. O pai estirava-se engodado pela sopa de peixe. Sacava, agressor, a navalha do barrete de lã preta. A onça caía-lhe sempre sem som e enrolava uma mortalha com os dedos queimados, cuspidando ao de leve os pequenos fios de tabaco presos entre os dentes. A mãe furava esse silêncio com gemidos grossos, aconchegava o filho com as riscas do avental. Tonho sentia o peso que deveria percorrer até ser como aquele pai abrasador, tremendo de cólera, olhando a mãe como um animal encurralado entre inúmeras mortes.

— Que vales tu, fêmea, se desses peixes em vez de filhos.

Tonho tem essa memória. A mãe cravava-lhe as unhas para não arranhar o pai. Aquele respeito pelo homem não era senão o res-

peito pela morte. O seu homem é que se entranhava no breu, aos pés dos deuses do mar. As suas tripas é que puxavam a rede para dentro da traineira. O seu homem é que lutava com os monstros do oceano, era ele que se cagava todo quando esse má-raio-de-mar parecia querer chupar-lhe a alma no Mulato Apontado, nos Poceirões ou no Mar das Escaleras. O pai saía de casa como louco, a fome a roer-lhe a bexiga. A mãe aos gritos que ele ia fazer uma desgraça.